

Homossexualidade Masculina e Preconceito Sexual (Homofobia) Familiar na Série Elite

Caio Henrique Fettback¹, Pedro Dominguez Granzotto², Vitória de Souza Santos³ e Yara

Alexandre Reynaldo⁴

¹⁻³Graduandos de Psicologia, Departamento de Psicologia, Faculdade Federal de Santa Catarina

Notas sobre os Autores

Este artigo foi produzido para uma disciplina da Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina. Os autores deste artigo se encontram em processo de formação superior. Correspondências relacionadas a esse artigo devem ser encaminhadas para o autor Caio Fettback, por meio do endereço de e-mail: caiofettback@outlook.com

Resumo

A homofobia é um preconceito estrutural que está presente na sociedade há muitos anos e que pode ser visto ao redor do mundo, sendo definido como a aversão de pessoas homossexuais ou comportamentos considerados típicos de homossexuais. O ambiente familiar por estar inserido nesse cenário, se torna um espaço de reprodução de comportamentos homofóbicos que afetam e transformam negativamente as relações familiares. Dessa forma, este artigo aborda por meio da análise de três cenas de material audiovisual da série espanhola Elite, as interações envolvendo a sexualidade entre pais e seus filhos homossexuais. A análise foi realizada por meio de três categorias comportamentais, sendo elas: chantagem emocional, aceitação condicionada e intimidação. A partir deles foi possível observar que a homofobia possui diversas formas de expressão, variando de formas mais claras e diretas, a interações mais sutis. Além disso, os impactos negativos nas relações também são variados, a homofobia em cada família deve ser percebida a partir das especificidades existentes em cada

núcleo familiar. Portanto, é essencial que o psicólogo tenha uma atuação que de importância a estes aspectos na hora de trabalhar a sexualidade e seus impactos nas relações intrafamiliares.

Palavras-chaves: série; homens gays; homofobia; família.

Introdução

Dentro do atual cenário global de fortalecimento de movimentos políticos retrógrados e reacionários que pregam ideologia homofóbica, tem-se visto dentro das sociedades ocidentais uma maior permissividade a comportamentos e declarações homofóbicas. No caso brasileiro, se vive um aumento de movimentos neopentecostais que utilizam da religião para justificar os preconceitos sexuais e junto a isso, diversos políticos passaram a utilizar de declarações homofóbicas com objetivo de ganhar apoio político dessa população (Romancini, 2018). Esses discursos de ódio voltados contra a comunidade LGBT afetam a vivência sexual plena dos sujeitos que não estão em consonância com a sexualidade heterossexual hegemônica, sendo um fator de exclusão social dentro e fora da família (Cazelatto & Cardin, 2016). Por isso, mostra-se fundamental refletir sobre as distintas atitudes homofóbicas verbais e comportamentais dentro das famílias, observando a homofobia como um dos elementos da violência estrutural da sociedade brasileira.

O conceito moderno de homofobia nasce na década de 70 pelo psicólogo Norte-Americano George Weinberg para designar sentimentos individuais, como a aversão ou temor, ao estar próximo com homossexuais, podendo ser encontrada nos próprios homossexuais através da autoaversão. O termo nasce como um diagnóstico de uma carência na perspectiva social (Bernardes et al., 2012). Devido a isso, diversos novos conceitos foram criados para expandir a definição de homofobia, visando atenuar as limitações terminológicas e abarcar atitudes contra terceiros, como agressões, xingamentos e discriminações (Masiero,

2013). Porém, outros autores vão além e defendem que o termo homofobia¹ seja abandonado em prol do termo preconceito sexual pois esse retrataria melhor o fenômeno social de discriminar indivíduos devido sua orientação sexual e permitiria o afastamento do diagnóstico fóbico (Nunan, 2003; Silva, 2018).

Apesar da discussão contemporânea relacionada ao termo, sabe-se que o preconceito sexual existe dentro das sociedades ocidentais a muito mais tempo, mas é preciso compreender que a homossexualidade não se apresentava como a conhecemos hoje (Borrillo, 2016). Na era pré-cristã, a sexualidade era vista como um elemento básico do ser humano, principalmente no caso dos homens. O sexo entre homens era visto como algo natural no desenvolvimento social dos sujeitos sendo inclusive considerado uma instituição da polis. Somente com o fortalecimento e expansão das religiões abraâmicas que comportamentos sexuais homossexuais passaram a ser vistos de forma negativa e, como consequência, estes homens passaram a ser perseguidos e executados (Borrillo, 2016).

A tradição judaico-cristã foi a responsável por inserir dentro das civilizações ocidentais a questão do comportamento sexual “natural”. Passagens como de Sodoma e Gomorra e as passagens de Levítico, no Antigo Testamento, assentaram as bases de justificativas para discriminações a homossexuais, que continuam a ser utilizadas até os dias atuais (Borrillo, 2016). A igreja, ao ser a mais antiga e contínua instituição europeia, conseguiu com sua constante doutrinação religiosa naturalizar sua visão sobre a homossexualidade por todo o continente. Por isso, mesmo após o fortalecimento das primeiras disciplinas científicas, a homossexualidade continuou a ser vista como algo imoral e o Estado laico moderno continuou a reproduzir a homofobia religiosa, utilizando da medicina para colocar a homossexualidade nos campos das doenças. Ademais, a influência

¹ No decorrer deste artigo se optou por utilizar o termo homofobia e preconceito sexual como sinônimos, a escolha se deu com o intuito de tornar a leitura mais fluida para o leitor. Para uma leitura mais aprofundada sobre a discussão em relação à nomenclatura se recomenda a leitura de *Preconceito Sexual (homofobia) no Brasil e Portugal* (Silva, 2018)

religiosa fica evidente até no próprio termo utilizado para se referir ao comportamento homossexual, podendo ser visto como sodomia ou pederastia (Borrillo, 2016).

A homofobia clínica surgiu com o Estado Nacional moderno, onde as ciências médicas foram instrumentalizadas como legitimadoras da perseguição moderna a homossexualidade. No século XIX, a psiquiatria se uniu a medicina tentando buscar as causas da homossexualidade no corpo. Já no século XX, a psicologia por meio da psicanálise ajudou a “embasar cientificamente” preconceitos contra homossexuais, Anna Freud e Lacan se tornaram propagadores da homofobia e de outros preconceitos a comportamentos sexuais dentro da psicologia do século XX (Borrillo, 2016; Aldana, 2018; Quinet, 2016; Vieira, 2009; Marques, 2010). Atualmente, contudo, se discute o posicionamento que Freud teria em relação a homossexualidade, autores como Borrillo (2016), Aldana (2018) e Vieira (2009) são mais enfáticos em apontar que o pai da psicanálise teria contribuído com a propagação da homofobia dentro da psicanálise, enquanto outros autores adotam o discurso de Marques (2010), que defende que Freud teria sido um militante do seu tempo em relação a homossexualidade. O ponto em comum a todos os autores é que a psicanálise está transpassada por discursos que contribuíram para a propagação do preconceito sexual dentro da teoria e práticas psicanalíticas.

Ademais, a homofobia não ficou restrita às ciências da área da saúde. A antropologia também foi instrumentalizada contra a homossexualidade, e se construiu por meio do darwinismo social com o temor que a igualdade entre a heterossexualidade e homossexualidade pudesse desestabilizar toda a sociedade heteronormativa. É possível observar esse mesmo argumento sendo utilizado no século XXI, ainda que a maioria não conheça a origem dessa crença, diversos grupos sociais de diferentes origens políticas utilizam dessa retórica do terror para justificar negar a equidade de direitos a casais homossexuais e famílias LGBTs (Borrillo, 2016).

Assim, entende-se que o termo homofobia se refere a um fenômeno estrutural das sociedades ocidentais contemporâneas, que se expandiu de maneira definitiva com o cristianismo e se fortaleceu por meio das disciplinas científicas dos séculos XIX e XX. Entre essas disciplinas, a Psicologia ocupou um papel de destaque visto que há pouco menos de 50 anos que a *American Psychiatric Association* (APA) revogou o *status* de doença da homossexualidade nos manuais de transtornos mentais.

Ao longo dos séculos de propagação de crenças homofóbicas, diversas mudanças ocorreram a partir da gênese de novas instituições e declínio de outras. Uma que continua presente até os dias de hoje é a família, ainda que tenha se alterado com o passar dos anos. Diversos estudos referem que a família possui um dos maiores papéis em moldar a percepção do sujeito em relação a si mesmo e ao mundo (Ferrari & Mazzei, 2020). Inclusive, muitas vezes é dentro de uma família compreensiva, que os jovens homossexuais encontram a aceitação própria e familiar para lidar com as dificuldades encontradas dentro da sociedade homofóbica (Silva & Souza, 2016; López Sánchez, 2009).

A família, portanto, é uma instituição social com grande influência sobre os indivíduos, especialmente durante a adolescência - um dos principais períodos do desenvolvimento. Nesse estágio de vida as descobertas são muitas e há um aumento da vulnerabilidade no contexto social. Por isso, ser forçado a esconder ou suprimir a sexualidade dentro do ambiente familiar pode levar a alguns prejuízos psicológicos que afetam o bem-estar do indivíduo (Natarelli et al, 2015). É possível, por exemplo, que uma pessoa homossexual incorpore valores e crenças familiares que deslegitimam a sua orientação sexual, o que pode transformar as relações familiares em reforçadoras de modelos opressores. Assim, ao invés de proporcionar um ambiente de segurança, a família acaba sendo desencadeadora de violências, naturalizando o sofrimento do homossexual (Perucchi et al.,

2014). Por isso, ao perder o apoio dos familiares, o homossexual fica mais propenso a sentir aversão de si mesmo (Borrillo, 2016).

Existem dois processos que frequentemente são experienciados por homossexuais no âmbito familiar. O primeiro deles é de confessar sua sexualidade e, em segundo lugar, a consequente inferiorização causada por isso. Apesar de parecer que hoje as famílias tendem a uma maior aceitação, pequenos comportamentos e atitudes causam a sensação de punição, fazendo com que os homossexuais se sintam “errados” (Schulman, 2010). Ademais, existem diversas facetas da homofobia familiar que podem ser caracterizadas como violência física, verbal e psicológica (Natarelli et al, 2015).

Segundo Minayo e Souza (Coelho et al., 1998, p. 12) a violência é “qualquer ação intencional, perpetrada por indivíduo, grupo, instituição, classes ou nações dirigida a outrem, que cause prejuízos, danos físicos, sociais, psicológicos e (ou) espirituais”. A violência física pode ser observada em situações de agressão direta que atinge a integridade e a saúde física da vítima. No contexto familiar, essa violência pode ser sustentada pela diferença na relação de poder, na qual a figura parental recorre ao uso da força para "disciplinar" o filho, como forma de punição, tentando “corrigir” sua sexualidade (Natarelli et al, 2015). Nesta categoria pode-se observar também que as agressões físicas desestabilizam a relação familiar, tendo como uma possível consequência a expulsão da casa dos pais, deixando o homossexual em situação de risco (Perucchi, 2014).

A violência verbal, juntamente com a psicológica, são as mais comumente usadas contra homossexuais dentro do contexto familiar. Nesta categoria, pode-se observar o uso de ofensas ou termos pejorativos, usados para machucar, excluir e humilhar, juntamente com a mudança de tratamento, considerando o homossexual como inferior (Natarelli et al, 2015). A homofobia liberal pode ser considerada uma violência psicológica, já que neste caso, a família toma conhecimento, mas vê a homossexualidade como algo que deve ser vivido

apenas na vida particular. Com esse discurso, a homofobia é deslegitimada e colocada em um lugar inferior ao da heterossexualidade (Borrillo, 2016).

Assim como a variedade de violências que são cometidas com os homossexuais, também são várias as consequências que podem influenciar na vida individual e familiar. Por mais que todos os tipos de homofobia sejam igualmente repudiáveis, existem alguns fatores que podem mudar a maneira com que cada pessoa lida com os traumas gerados por eles. As consequências podem ser vistas tanto em relações sociais quanto nas afetivas-sexuais (Schulman, 2010). Segundo Schulman (2010), as consequências podem variar principalmente de acordo com o apoio externo que está disponível. A rede de apoio é de extrema importância para que o homossexual não fique desamparado, já que dentro da família talvez não seja o lugar mais seguro. Outro fator importante é a relação de dependência financeira do adolescente homossexual com a família pois, quando totalmente dependente, acaba sendo subordinado aos pais, aceitando seu próprio apagamento. Nesse caso é comum que o homossexual encontre grupos externos a família, como amigos e colegas, que substituem a segurança emocional não encontrada dentro de casa (Toledo & Teixeira, 2013).

Sendo assim, pode-se concluir que a família tem grande influência na vida de homossexuais, tanto positivamente, quando representa uma base segura, quanto negativamente, quando reproduz padrões heteronormativos que geram insegurança e apagamento. A homofobia no contexto familiar se manifesta de diversas maneiras, desde violência psicológica até agressões físicas. A violência mais evidenciada é a psicológica, que desestabiliza o homossexual, gerando a deslegitimação da sexualidade e causando sofrimentos psicológicos que coloca o homossexual em situação de risco. Por isso destaca-se a importância de uma rede de apoio, que além de manter o homossexual seguro, podem minimizar os impactos causados por tal homofobia (Schulman, 2010).

Além disso, a rede de apoio pode fazer uso de diversos métodos de comunicação para o apoio do homossexual em suas diferentes situações de convívio. As redes sociais, sendo um dos principais meios de interação entre as massas ao longo dos anos, acabou atribuindo em seu desenvolvimento a grande difusão de informações, que atualmente fica cada vez mais rápida com o avanço da tecnologia. Esse aumento no acesso à informação faz com que discursos midiáticos sejam reproduzidos das mais diversas velocidades e formas, influenciando então o indivíduo e sua subjetividade. Por isso é de grande importância, já que acaba exercendo também um papel relevante na formação de consciência e de identidade da sociedade. (Lopes, 2019).

Com a ascensão da mídia e a popularização dos discursos midiáticos, as discussões e análises críticas sobre as sub-representações ou representações distorcidas das categorias interseccionais (classes, gêneros, sexualidades, raças, etnias e nacionalidades) acabaram virando uma pauta comum nos estudos culturais e estudos sobre mídia. Os movimentos sociais adquiriram como preocupação a forma que a identidade de grupos marginalizados seriam apresentados e discutidos (Filho, 2009). Isso se deu pois, palavras, frases, gestos e comportamentos escolhidos, poderiam dar abertura para a perpetuação do preconceito por meio da reprodução de estereótipos, reduzindo assim a visibilidade das variações presentes em comportamentos individuais, generalizando determinados grupos de indivíduos (Oliveira, 2019).

Atualmente, ainda é possível encontrar em novelas, filmes e séries diversos comportamentos padronizados e estereotipados que circundam a comunidade LGBTQIA+, onde, segundo Rosa (2010, p.11), “a identidade LGBT é vista como desviante porque foge à norma, representada pelo modelo da família heterossexual monogâmica e procriadora”. Porém, como ainda mencionado por Rosa, a representatividade do meio LGBT na mídia, vai

muito além do desejo de igualdade de direitos e visibilidade, pois toca também o desejo de respeito e a garantia de uma sociedade mais democrática.

Com isso, ainda é possível observar a grande influência da mídia na sociedade sobre como os comportamentos LGBTQIA+ são representados nos meios de comunicação, demarcando estereótipos sociais que muitas vezes distorcem a verdadeira intenção e representatividade desses grupos, fazendo com que eles ainda continuem sendo alvos de generalização e preconceito.

A partir desta breve fundamentação, destaca-se como objetivo geral desta pesquisa analisar as distintas representações e expressões de atitudes homofóbicas que são direcionadas para homens homossexuais e oriundas de seus próprios núcleos familiares, através da análise da série espanhola *Elite*, produzida pela Netflix. Para isso, os objetivos específicos foram: Analisar diálogos envolvendo orientação sexual entre homens gays e seus familiares; caracterizar como se manifesta homofobia no âmbito familiar; e descrever os diferentes tipos de violência relacionados à homofobia. Esses elementos juntos permitem analisar e refletir sobre as expressões e comportamentos homofóbicos naturalizados dentro de famílias com homens gays na modernidade assim como discutir sobre possíveis caminhos e atitudes para conscientizar e promover a mudança dentro de famílias com jovens gays.

Método

O material de análise utilizado é a série espanhola *Elite*, a mesma teve uma estreia internacional no dia 5 de outubro de 2018 na plataforma de streaming *Netflix*, e atualmente conta com 4 temporadas. A série mostra a história de um grupo de estudantes do ensino médio no melhor colégio particular da Espanha e, por possuir diversos atores principais, a série aborda diferentes assuntos como sexo, drogas, HIV, religião, suicídio e as distintas orientações sexuais de seus personagens. A ênfase na homossexualidade masculina neste

artigo se deu por meio dos personagens Omar Shanaa e Ander Muniz, em que ambos desenvolvem um relacionamento e tem que lidar com situações que envolvem sua orientação sexual e seus familiares. Para esta observação, foram selecionados três cenas de dois episódios da primeira temporada de Elite, no episódio cinco “Todo mundo mente” dos minutos 24:54 ao minuto 26:23 e no episódio sete “Tudo explode” dos minutos 22:56 ao minuto 24:00 e dos minutos 33:50 ao minuto 34:30.

Após uma observação prévia da série, as cenas foram selecionadas com o intuito de focar nas interações que Omar Shanaa e Ander Muniz tiveram com seus respectivos familiares. Foram analisadas três categorias de comportamento, onde foram identificadas expressões homofóbicas dentro do contexto familiar, tais como: Chantagem emocional, Aceitação condicionada e Intimidação.

Participantes

Omar Shanaa: é um homem de etnia árabe, de 17 anos, homossexual, cisgênero, possui cabelo curto de cor castanho escuro, olhos castanhos escuros e estatura mediana-alta. Omar é quieto, reservado e gentil. Seu grupo familiar é constituído por pai e mãe casados, duas irmãs (Nádia e May) porém atualmente só convive com sua irmã Nádia, todos de origem muçulmana praticantes da religião, diferentemente dele, que não é praticante.

Ander Munoz: é um homem branco, de 16 anos, homossexual, cisgênero, possui cabelos encaracolados e de cor castanho escuro, olhos castanhos escuros e estatura média-alta. Tem uma personalidade considerada reservada, apesar de ter alguns amigos e ser um jogador muito bem-sucedido de Tênis. É filho único e seu núcleo familiar é constituído por um pai e uma mãe.

Nadia Shanaa: é uma mulher de etnia árabe, de 16 anos, heterossexual, cisgênero, possui cabelos castanhos cacheados e volumosos, possui olhos castanhos, estatura pequena.

Nadia tem como personalidade sua inteligência e dedicação, lutando para conciliar sua ambição com a sua religião. Seu contexto familiar é o mesmo do personagem Omar.

Antonio Munoz (pai do Ander): é um homem cisgênero, cabelos grisalhos, 40 anos de idade. Ambicioso, possui altas expectativas em relação a carreira desportiva de seu filho.

Azucena (mãe do Ander): é mulher, cisgênero, tem cabelos ruivos, e aproximadamente 49 anos de idade, diretora do colégio onde o filho estuda. Possui personalidade calma, e está sempre preocupada com o bem-estar do filho.

Yusef Shanaa (pai do Omar e da Nadia): é um homem de etnia árabe, cisgênero, possui cabelo escuro curto e roupas simples, possui junto com a esposa uma mercearia de bairro. Tem 40 anos de idade, é muçulmano praticante e fiel as tradições religiosas.

Procedimentos

Foram analisadas três categorias de comportamento: chantagem emocional; aceitação condicionada e intimidação sendo as mesmas descritas a seguir e todas relacionadas com as distintas expressões homofóbicas dentro do contexto familiar.

Chantagem emocional: É uma forma de manipulação utilizada por uma pessoa ou mais que é próxima e que possui um grau de intimidade com o chantageado, para ameaçar ou punir com o intuito de fazê-lo ceder às vontades de um terceiro, sendo o medo, obrigação e culpa os três sentimentos mais utilizados na chantagem emocional (Forward, 1998). Os indicadores comportamentais são: o silêncio, mudança na entonação da voz, tentativa de se aproximar física e emocionalmente do chantageado, após a tentativa de aproximação se busca de forma direta ou indireta atribuir responsabilidades e culpa indevida ao chantageado junto a isso se utiliza do medo e de situações extremamente negativas com o intuito de dobrar as vontades do chantageado as vontades de terceiros.

Exemplo: Ameaça em caso de um comportamento continuar; ameaça em caso do chantageado não ceder; responsabilização de um sentimento ou evento ao chantageado; promessas de recompensas em caso da realização de um determinado comportamento.

Aceitação Condicionada: Ocorre em uma comunicação verbal, quando um fato ou comportamento é aceito por uma pessoa apenas quando existam outros fatores que irão compensar positivamente aquela situação. O conceito se assemelha ao de consideração positiva condicional (Almeida, 2009), utilizado pela psicologia humanista, que se define pelo estabelecimento de condições e julgamentos para que uma pessoa da relação seja aceita. Assim, a aceitação condicionada ocorre com pessoas próximas, com alto grau afetivo ou alguma relação de poder, onde existe a necessidade de aceitação em um dos lados do vínculo, nesse caso, da pessoa homossexual. Os indicadores comportamentais podem apresentar expressões de raiva ou descontentamento, sendo eles: compressão dos lábios, movimento nos ombros para cima e para baixo, leve arqueamento das sobrancelhas, testa franzida, entre outros.

Exemplo: Aceitar a sexualidade do filho desde que o mesmo seja bem-sucedido em algum âmbito da vida.

Intimidação: Acontece entre duas pessoas ou mais, e é caracterizada pelo uso de violência seja verbal ou física, para influenciar ou manipular comportamentos, gerando medo na pessoa intimidada. Sendo os indicadores comportamentais: uso de força física, olhos arregalados, respiração ofegante e aumento da entonação da voz.

Exemplo: Quando um pai usa da violência contra seu filho para intimidá-lo, afim de impedir que o mesmo não se assuma homossexual.

Resultados e Discussão

A série *Elite* (2018), produzida na Espanha e distribuída pela plataforma de streaming Netflix, aborda diversos tópicos relacionados à vida dos estudantes de ensino médio da elite europeia. Ela retrata interações envolvendo sexo, dinheiro e poder, além de outras situações típicas da vida dos estudantes no ensino médio, escolha da faculdade, relacionamentos, ciúmes, fofocas e brigas. No caso dos estudantes Ander Munoz e Omar Shanaa, se soma o descobrimento da sua sexualidade e o momento de “sair do armário” para amigos e familiares, ambos os jovens passam a ter que lidar com o rompimento das expectativas que seus pais tinham sobre eles e o rearranjo das mesmas após assumirem sua homossexualidade.

Tanto a família Munoz como a família Shanaa reproduzem noções e comportamentos homofóbicos ao terem que lidar com esse momento, palavras como “bicha” e “invertido” são utilizadas para se referir ao homem gay pelos pais dos estudantes. Além disso, práticas como a chantagem emocional e aceitar o filho somente se certos pontos fossem cumpridos também foram utilizadas com o intuito de controlar ou evitar o exercício de ser sujeito gay. Em consonância a isso é possível visualizar de maneira explícita o uso da intimidação com o mesmo intuito, o conjunto desses elementos colaboram na criação de uma atmosfera negativa dentro das famílias dos personagens gays.

Chantagem emocional

Nádia se aproxima devagar de Omar, parecendo exitar antes de olhar para o irmão e perguntar: "Omar, podemos conversar?". Omar, que está sentado atrás do balcão rabiscando algo em um caderno, olha para a irmã, resmungando "hm" em resposta e depois respondendo um "sim" para ela. Nádia então respira fundo, se virando para a prateleira atrás dela enquanto respira fundo mais uma vez, se virando para Omar e diz: "Eu não sei como perguntar isso, então vou falar logo... você está vendendo droga?" e Omar logo pergunta "Quem que te falou isso?" e sem demorar muito, leva uma das mãos à cabeça, enquanto olha o teto e em seguida fecha os olhos e responde: "O Samuel.... mas que filho da puta!". Nádia logo pergunta: "O Samuel sabe? Então é verdade?" Omar volta os olhos para a irmã e diz "Eu vou parar! Você não precisa se preocupar!" Nádia se aproxima mais do irmão, perguntando: "Mas porque você se meteu nisso? Pra quê?". Um silêncio tomou o estabelecimento, Nádia então respira fundo, ainda olhando o irmão e diz: "Você sabe que pode falar comigo...sobre tudo." Omar então dá um riso baixo, olhando a irmã e diz: "Sei lá,

Nádia. Nós nunca conversamos muito." Nádia então levanta um pouco o ombro e dá um pequeno sorriso, dizendo em seguida: "É... mas você pode falar. Do que quiser. Eu prometo que te escuto e te ajudo." Omar, que encarava a irmã de maneira séria, começou a recolher o caderno onde escrevia, e diz "Beleza então! É.. eu vou estudar! Fica cuidando da loja." Omar então se levanta, saindo de trás do balcão, mas Nádia volta a falar: "E tem mais uma coisa, Omar. Você gosta de homens?" Omar ao se virar para a irmã, olha ela com o rosto sério, e Nádia continua: "Escuta! Se você for viver assim, vai ficar sem a mama (mãe) e o baba (pai)! Como tem coragem, depois de tudo que eles fizeram por nós?" ela fala de maneira exaltada e Omar responde: "Eu tenho direito de viver minha vida, Nádia!" e Nádia logo responde: "Omar, esquece isso só por alguns anos, não sei! Não é tão difícil assim! Olha pra mim!" e então Omar responde: "Eu não sou frio igual você", saindo da mercearia em seguida.
T1EP5 min 24:54 a 26:23 - Cena Nádia e Omar

A família é, para a maioria das pessoas, o conjunto de relacionamentos mais próximos que um sujeito possui, seja por tempo de convivência, proximidade física ou laço de sangue, É importante, entretanto, reconhecer que durante a adolescência existe um inevitável distanciamento entre os pais e seus filhos, sendo a busca pelo equilíbrio entre a identidade própria e a construção de novos limites saudáveis um dos maiores desafios que uma família tem que passar (Minuchin, 2009).

Dentro desse momento específico da história de uma família, se assumir homossexual se torna central para a constituição da identidade do sujeito (Bressane, 2020). Porém, pode ser vista pelos pais como uma ameaça ao equilíbrio familiar e, em famílias próximas, a busca por autonomia e por uma identidade própria pode ser interpretada como uma ameaça (Minuchin, 2009). Assim, a chantagem emocional entraria dentro do esforço desadaptativo da família de manter o equilíbrio, até então estabelecido, que é ameaçado na adolescência pela emergente orientação sexual de um de seus membros.

Nota-se em Nadia uma dificuldade em abordar o tema da sexualidade do irmão. Ao finalmente decidir confrontar o irmão sobre ele ser gay, Nadia buscou reforçar sua proximidade com seu irmão por meio de frases como: *"Você sabe que pode falar comigo...sobre tudo."* e *"É... mas você pode falar. Do que quiser. Eu prometo que te escuto e te ajudo."*, as mesmas poderiam ser interpretadas como tentativas genuínas de se aproximar

de seu irmão Omar porém, antes que seu irmão possa responder, Nádia faz uso do medo “...vai ficar sem a mama (mãe) e o baba (pai)!” e da culpa “Como tem coragem, depois de tudo que eles fizeram por nós?” para, por fim, demonstrar o real interesse por trás do diálogo com seu irmão “Omar, esquece isso só por alguns anos, não sei! Não é tão difícil assim!”

Nadia, no começo do diálogo, buscou reforçar o valor de sua relação com seu irmão. Visto que se aproximar é vital na prática da chantagem emocional, o chantagista usa o peso do relacionamento contra o chantageado. Na cena, em um primeiro momento, vemos de forma indireta com a tentativa de se aproximar e depois, de forma direta, ao usar o medo de perder a relação com os pais em seu irmão. Neste momento, ficam expostos os três principais sentimentos utilizados nas chantagens emocionais (Forward, 1998), a culpa e obrigação “Como tem coragem, depois de tudo que eles fizeram por nós?”, e o medo “...vai ficar sem a mama (mãe) e o baba (pai)!”.

A culpa é o elemento fundamental em todo tipo de chantagem emocional, sem ela o chantagista fica sem poder sobre o chantageado, apesar da culpa não está restrita a chantagem emocional neste caso ela é utilizada de forma indevida, se atribui ao chantageado responsabilidade por atos e consequências que o mesmo não é responsável (Forward, 1998). A pessoa gay não opta por se sentir atraído por pessoas do mesmo sexo, é sabido que é uma característica influenciada por genes, cultura e ambiente, não havendo apenas um fator determinante (Kaiser, 2019), porém mesmo assim a mesma é encarada como uma escolha e vista como um fator que promove desconforto, vergonha e humilhação para a família. O fenômeno de culpabilizar a vítima é principalmente estudado no campo da violência física e sexual contra a mulher (Sommacal, 2016), entretanto pode ser visto fenômenos semelhantes com outras minorias como a comunidade LGBT, onde atos de violência contra indivíduos gays são justificados colocando a culpa na vítima, ainda que Nadia não faça uso da violência,

ela atribui a culpa a seu irmão das consequências oriundas do preconceito dela e de seus familiares.

O medo é outro grande componente da chantagem emocional, muitos jovens gays possuem medo da reação de seus familiares ao assumirem sua sexualidade, Nadia se utiliza desse medo para tentar manipular seu irmão, a mesma faz uso de um dos piores cenários possíveis para qualquer indivíduo LGBT o rompimento com os pais. No caso da família do Omar esse não é só um dos piores cenários possíveis como o único possível devido às tradições religiosas da família, aumentando a eficiência da chantagem devido a esse contexto religioso específico.

A utilização de um dos piores cenários se assemelha ao fenômeno da catastrofização, onde o sujeito tende por meio de seus pensamentos a visualizar somente os piores cenários possíveis dando ênfase aos aspectos negativos (Delgado, 2019). Todavia no caso da chantagem emocional, o chantageador se utiliza da catastrofização induzida no chantageado, o medo mais a catastrofização provoca um afunilamento mental, onde o chantageado não consegue visualizar opções e cenários, a ser não aquele que o chantagista deseja (Forward, 1998).

Por fim é preciso ressaltar que apesar da Nadia ser o membro da família que faz uso da chantagem emocional contra Omar, os comportamentos dela devem ser vistos como parte da família como um sistema buscando manter o seu equilíbrio (Minuchin, 2009), a homossexualidade é vista como uma ameaça à ordem dentro do sistema e suas crenças e seus membros fazem uso do que podem para mantê-la.

Aceitação Condicionada

Azucena, Antônio e Ander compartilham um café da manhã. Azucena e Antonio olham um pro outro, e de volta pro filho. Antônio tem as mãos juntas, e o cenho franzido. Depois de um momento de silêncio, Antônio fala: “Sabemos que você é gay, e está tudo bem.” Ander balança sua cabeça, e pergunta “Mexeram no meu

computador?”. Azucena sorri, mencionando que “Não foi preciso”. Antonio interrompe com a fala: “Filho, está tudo bem. Se eu tivesse mencionado que era ‘bicha’ para meu pai, ele me bateria. O que quero dizer é que você não deve deixar estragar seu futuro. Tênis não é como futebol. Não é o paraíso da tolerância, mas poderia fazer história sendo o primeiro gay a ganhar o Roland Garros”. Ander aperta seus lábios e encara o pai. Antonio continua: “Com certeza há patrocinadores que trabalhariam com um garoto... como você”. Ander respira fundo, se endireita na cadeira, encara mais uma vez o pai, e fala: “Claro. Posso transar com caras desde que eu seja um campeão”. As expressões faciais de ambos os pais mudam, seus olhos se movendo rapidamente pela sala, mas não olhando diretamente para o filho. T1EP7 do min 22:56 - min 24:00 - Cena Ander e seus pais Antonio e Azucena.

Sabe-se que as famílias podem lidar de diversas maneiras ao se depararem com o momento em que algum familiar se assume homossexual. Como já abordado anteriormente, o contexto em que a pessoa homossexual está inserida influencia diretamente em como se darão as relações intrafamiliares. Segundo Silva e Sousa (2016), em situações de violência verbal, é comum observar que muitas famílias compensam a negatividade do estereótipo da homossexualidade quando existem outros fatores em que o homossexual seja bem-sucedido, como por exemplo no meio acadêmico ou no trabalho, em que neste artigo é definida por Aceitação Condicionada.

Neste caso, os pais de Ander decidem contar a ele que descobriram sua sexualidade e, no primeiro momento, parecem agir de maneira positiva com a situação. A fala de Antônio: *“Filho, está tudo bem. Se eu tivesse mencionado que era ‘bicha’ para meu pai, ele me bateria”*, pode ser vista como uma maneira de aproximação com seu filho, dando a entender que ele não bateria no Ander, mas também mostra a homofobia internalizada que Antônio tem ao usar um termo pejorativo como “bicha” para se referir a palavra gay. Isto demonstra que Antônio tem certo desconhecimento sobre o assunto, tendo como consequência falas ofensivas que demonstram uma violência verbal (Natarelli et al, 2015).

Quando Antônio fala *“O que quero dizer é que você não deve deixar estragar seu futuro. Tênis não é como futebol. Não é o paraíso da tolerância, mas poderia fazer história sendo o primeiro gay a ganhar o Roland Garros”*, esta frase poderia ser interpretada como

uma preocupação do pai, com que o filho não sofresse discriminação já que na sociedade homens gays encontram diversas discriminações na prática de atividades esportivas. Essa discriminação ocorre, em sua maior parte, pelo padrão heteronormativo encontrado nesses ambientes, onde se espera que os homens performem a masculinidade de maneira mais enfática (Junior & Melo, 1996). Na fala de Antônio, é possível pontuar algumas questões problemáticas em relação a isso. No caso de Ander, ele já apresentava bons resultados como tenista, mas até então não sofria preconceito sexual, já que não havia exposto sua sexualidade. Com esta fala, Antônio mostra que em sua opinião, ser homossexual pode estragar a carreira que Ander vinha construindo se ele não for tão bom ao ponto de ganhar o torneio. Apesar de parecer que poderia ser uma preocupação com o filho, na verdade demonstra o preconceito sexual que Antônio tem com Ander, evidenciando assim a aceitação condicionada. Com isso, percebe-se que para que a homossexualidade de Ander seja validada, ou seja aceita, para seu pai, ele precisa ser o melhor jogador de tênis.

Diante disso, nota-se que para o pai de Ander a homossexualidade é algo negativo, que faz ele ser visto de uma maneira diferente, como se não fosse “normal”, que fica evidenciado nesta fala: *“Com certeza há patrocinadores que trabalhariam com um garoto... como você”*. Apesar disso, Antônio não repreende, nem reprime seu filho com ordens ou agressões físicas, ao invés disso ele pressiona Ander para se dedicar ainda mais ao esporte, como uma maneira de compensar por ele ser gay. Pode-se fazer uma ligação com a homofobia liberal, já que esta consiste em uma violência psicológica que permite que a pessoa seja homossexual, desde que não seja na vida pública, e no caso de homens gays, continuem performando a masculinidade (Borrillo, 2016). Na série fica explícito que Ander, apesar de gostar do esporte, se esforça com o intuito de ser visto e de dar orgulho para o pai. Nesta situação, as consequências são ainda piores, por que agora ele é pressionado a ser melhor para compensar os lados negativos que seu pai vê de sua sexualidade. O

desapontamento de Ander fica evidente na seguinte fala: “*Claro. Posso transar com caras desde que eu seja um campeão*”.

Visto isso, percebe-se que o relacionamento familiar de Ander com sua família em relação a sua sexualidade apresenta alguns problemas, entre eles a homofobia na forma de aceitação condicionada. Ela foi observada em uma conversa de Ander com seus pais, onde o ele busca a aprovação de seu pai, sendo o grau afetivo um fator que agrava a situação. Juntamente com esta situação, observa-se um outro agravante que é a homofobia no meio esportivo, que serve como base para a homofobia de Antônio com Ander. Percebe-se também que este tipo de comportamento homofóbico pode ser confundido, de início, como uma proteção dos pais com o filho, mas como é possível observar isso apenas agrava a homofobia intrafamiliar.

Intimidação

Yusef entra, juntamente com Nadia, em um quarto onde o Omar se encontra sentado em uma cama. Yusef anda rapidamente na direção de Omar e com as sobrancelhas franzidas e olhar fixo pergunta por que estão dizendo que ele gosta de homens, fazendo gestos bruscos com as mãos. Nadia, logo atrás de seu pai faz uma intervenção chamando o seu nome. Omar com os olhos arregalados não o responde, então Yusef o pega com os braços e o pressiona contra a parede agressivamente e olhando fixamente nos olhos o diz com a voz elevada “Diga que não é verdade, Diga! Me diga que você não é um invertido (homossexual)”. Omar, com a respiração ofegante, o olha por alguns segundos em silêncio e, movendo a cabeça de um lado para o outro, diz “ Não sei quem te disse isso, mas não, eu não sou”. Yusef o solta, move sua cabeça para baixo e em seguida o olha, com a respiração ofegante e diz que no dia seguinte irá encontrar uma esposa para Omar se casar, para que não suje o nome da família, e em seguida sai pela porta. T1EP7 min 33:50 a 34:30 - Cena Omar e seu pai Yusef

De acordo com de Sousa (2016), os pais enquanto sujeitos, ao estarem inseridos em uma sociedade machista dominada pelo heteronormatividade, podem desenvolver e nutrir certas expectativas em relação à orientação sexual dos filhos que, no caso dos homens, são expressadas por meio de frases como “meu filho vai ser macho” ou “meu filho vai ser um

garanhão”. Esta perspectiva social de heteronormatividade é culturalmente pela maior parte do ocidente (Borrillo, 2016), e caso haja uma quebra dessa perspectiva, esses pais demonstram reações negativas, assim como no trecho acima, onde Yusef reage de maneira violenta ao descobrir sobre a sexualidade de Omar.

Yusef, colocando grande importância no nome da sua família e na honra dela, se sente ameaçado quando certas pessoas dizem que seu filho é homossexual. De acordo com de Sousa (2016), há um grande número de lares que, para evitar a aversão pública de sua linhagem, reprimem seus filhos quando demonstram o menor indício de “desviar” da heteronormatividade. Para isso, usam de vários tipos de coerção, incluindo a intimidação. No trecho: “... *Yusef o pega com os braços e o pressiona contra a parede agressivamente e olhando fixamente nos olhos o diz com a voz elevada “Diga que não é verdade, Diga! Me diga que você não é um invertido (homossexual)”*”, pode-se observar uma característica da intimidação, o uso de força para agredir fisicamente o oprimido, assim como a elevação do tom de voz para coagi-lo. Em resposta, Omar nega sua sexualidade, demonstrando certo medo ao responder: “*Não sei quem te disse isso, mas não, eu não sou*”. Neste caso, a intimidação foi efetiva, manipulando Omar para mentir sobre sua sexualidade e escondê-la.

Outra forma de intimidação pode ser observada no trecho onde Yusef diz que procurará uma esposa para Omar se casar, para que o nome da família não fique “sujo”. De acordo com Júnior (2007), a não aceitação da homossexualidade pode gerar momentos desconfortáveis, onde o pai força o filho homossexual aos padrões de heteronormatividade, cobrando dele filhos, ou até mesmo um casamento, mesmo que seja forçado.

Essa não aceitação dos pais traz consequências duradouras, fazendo com que os filhos desenvolvam comportamentos forçados, onde são obrigados a sempre reforçarem sua masculinidade utilizando da força e muitas vezes de violência não só em si mesmos, pela não aceitação de seus corpos e desejos, mas também para com os outros ao desenvolverem ações

homofóbicas contra indivíduos também gays (Júnior, 2007). Além disso, a fuga do local familiar (ou a expulsão) devido ao constante abuso e desprezo podem ser ilustradas como outras consequências da intimidação. Em casos mais extremos, algumas pessoas não resistem ao desgaste doloroso dessa violência e acabam cometendo suicídio.

Sendo assim, nota-se que uma sociedade baseada em conceitos heteronormativos, os pais acabam criando seus filhos baseados em padrões de masculinidades, com a dicotomia de coisas para menino e coisas para menina. Isto acaba gerando uma expectativa vinda dos pais para que seus filhos tenham os mesmos comportamentos que foram ensinados. Por isso, muitas vezes, quando um homem gay assume sua sexualidade para sua família, os pais tentam fazer com que esses ensinamentos conservadores sejam concretizados, porém usam da intimidação como forma de reprimi-los, não se dando conta que isso pode trazer grandes impactos na vida não só na pessoa que sofre, mas também no ciclo familiar ao qual estão inseridos.

Considerações Finais

Através da análise da série Elite, usando-se de três categorias de comportamento em relação à homofobia dentro dos núcleos familiares: chantagem emocional; aceitação condicionada e intimidação, foi possível visualizar, mesmo que em situações ficcionais, as distintas expressões da homofobia.

Mediante esta análise, nota-se que o preconceito sexual possui diversas formas de expressão. No caso da chantagem emocional, a homofobia é revestida pela falsa percepção de preocupação com os possíveis desdobramentos de se assumir gay. Na aceitação condicionada, a homofobia é escondida pela falsa aceitação do sujeito e a homossexualidade continua a ser vista de forma negativa, porém, como uma característica que pode ser “compensada” por outras qualidades do sujeito. Por fim, na intimidação, tem-se a homofobia em uma das suas

formas mais explícitas, ser gay é visto como uma característica negativa tão grave que se busca de maneira agressiva evitar a expressão da mesma.

Em todos os casos, é possível observar um impacto negativo nas relações familiares e ao bem-estar do indivíduo gay, pois a falta de uma rede de apoio é extremamente prejudicial principalmente na adolescência, período em que a sexualidade começa a ser um elemento ativo na identidade dos indivíduos (Aldana, 2018). A falta de suporte familiar se une a uma série de representações negativas por parte da mídia dos homens gays, sendo retratados como feminilizados, hipersexuais e/ou superficiais (Ribeiro, 2010). Dentro desse cenário, o psicólogo pode contribuir auxiliando o sujeito homossexual a lidar com sua sexualidade e com os estereótipos negativos. Isto porque uma parte desses preconceitos são interiorizados nas crenças do sujeito sobre sua própria sexualidade com consequências que não se restringem a identidade sexual. A incapacidade de aceitar a sexualidade pode restringir o sujeito em uma fase específica do desenvolvimento psíquico, provocando sofrimento (Bressane, 2020).

Outra área de atuação do profissional em psicologia é a de trabalhar com a família, como um sistema psíquico, com crenças e comportamentos que visem manter um equilíbrio funcional, porém muitas vezes desadaptativo (Minuchin, 2009). Nestes casos, a homossexualidade pode representar uma séria ameaça ao equilíbrio conquistado e pode haver a culpabilização do parente gay por, na visão da família, perturbar o equilíbrio. Sendo assim, cabe ao psicólogo ajudar e orientar a família em seu processo de reestruturação cognitiva e comportamental na busca por um novo equilíbrio (Minuchin, 2009).

Para a realização deste artigo foram encontradas algumas limitações, como a dificuldade de abordar um assunto tão complexo em sua totalidade, já que as expressões de homofobia podem apresentar diversas análises diferentes. Além disso ressalta a escassez de pesquisas sobre o tema, de forma geral o estudo da homofobia continua restrita a

determinados campos do conhecimento científico. Diante disso, o presente trabalho pode ajudar a identificar alguns padrões de homofobia intrafamiliar, tanto na produção de conhecimento científica quanto nas intervenções psicológicas. Por fim, é preciso salientar que este artigo abordou somente algumas das expressões da homofobia dentro das famílias havendo a necessidade de novas pesquisas na temática a fim de analisar outras possíveis expressões da homofobia. O preconceito sexual está presente intrinsecamente nas sociedades ocidentais modernas, sendo constante a luta por promover a reflexão e o combate a práticas que marginalizam os sujeitos por sua orientação sexual minoritária.

Referências Bibliográficas

- Aldana, B. (2018). Rumo a uma nova teoria da sexualidade do adolescente: implicações para saúde sexual do adolescente. In O. Rodrigues Jr. (Ed.), *Terapia da Sexualidade* (pp. 172–206). Zagodoni.
- Almeida, L. R. (2009). Consideração positiva incondicional no sistema teórico de Carl Rogers. *Temas em Psicologia*, 17(1), 177-190.
<https://www.redalyc.org/pdf/5137/513751433015.pdf>
- Andrade, T. (2018). O relacionamento homoerótico na Grécia Antiga uma prática pedagógica. *Faces Da História*, 4(2), 58–72.
- Borrillo, H. (2016). *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Bernardes, G. C., Calaf, P. P., Lindgren, Y., Abramovay, M., Carrara, S., Mott L., Mello, L., Paiva, E. A., Simpson, K., Saar, E., Reis, T. & Gosse, C. (2012). Relatório sobre violência homofóbica no Brasil: o ano de 2011. Ministério Público do Estado do Paraná.
<https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/RelatorioViolenciaHomofobicaBR2011.pdf>
- Bressane, M. (2020) *Da Espontaneidade à Diversidade: O Reconhecimento do eu da Comunidade LGBT*. Artera.
- Cazelatto, C. E., & Cardin, V. S. (2016). O discurso de ódio homofóbico no Brasil: Um instrumento limitador da sexualidade humana. *Revista Jurídica Cesumar - Mestrado*, 16(3), 919. <https://doi.org/10.17765/2176-9184.2016v16n3p919-938>
- Coelho, E. B. S., Silva, A. C. L. G. D., & Lindner, S. R. (2014). Violência: definições e tipologias. *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*.
<https://ares.unasus.gov.br/acervo/handle/ARES/1862>

- Ferrari, A., & Mazzei, L. D. (2021). Quais São Os Espaços Seguros para as homossexualidades? *Revista Debates Insubmissos*, 3(11), 30.
<https://doi.org/10.32359/debin2020.v3.n11.p30-52>
- Felberg, E. (2015). *O sexo nu: bareback e outras reflexões*. Appris.
- Filho, J. F. (2009). Mídia, estereótipo e representação das minorias. *Revista ECO-Pós*, 7(2).
<https://doi.org/10.29146/eco-pos.v7i2.1120>
- Junior, F., Lima, S., & Junior, F. (2007). Oscar Wilde na sala de aula: um professor que ousa dizer o nome do seu amor. In *Homossexualidades Sem Fronteiras: Olhares* (pp. X-y). essay, Booklink Publicações.
- Kaiser, J. (2019). Genetics may explain up to 25% of same-sex behavior, giant analysis reveals. *Science*. <https://doi.org/10.1126/science.aaz3192>
- López Sánchez, F. (2009). *Homossexualidade e Família: Novas Estruturas: O que Pais, Mães, Homossexuais e Profissionais Devem Saber e Fazer*. Artmed.
- Marques, L. R. (2010). As homossexualidades na psicanálise. *Trivium*, 2(2), 467-484.
- Masiero, C. (2014). Homofobia: história e crítica de um preconceito. *Dossiê Gênero, Sexualidade e Direitos Humanos*, 10(2), 125–145.
<https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/29239/16263>
- Minuchin, S., Nichols, M. p., & Lee, W. Yung. (2009). *Famílias e casais do sintoma ao sistema*. Artmed.
- Natarelli, T. R. P., Braga, I. F., Oliveira, W. A. D., & Silva, M. A. I. (2015). O impacto da homofobia na saúde do adolescente. *Escola Anna Nery*, 19, 664-670.
<https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150089>
- Nunan, A. (2003). *Homossexualidade: Do Preconceito Aos padrões de Consumo*. Carvansarai.

Oliveira Lopes, P. (2019). Racismo, homofobia e reprodução de estereótipos: mídia e história.

Brazilian Journal of Development, 5(10), 21592-21604.

Perucchi, J., Brandão, B. C., & Vieira, H. I. D. S. (2014). Aspectos psicossociais da

homofobia intrafamiliar e saúde de jovens lésbicas e gays. *Estudos de Psicologia*

(Natal), 19, 67-76. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000100009>

Quinet, A. (2016). Homofobias psicanalíticas na psicologização do Édipo. *Stylus (Rio de*

Janeiro), (33), 191-199. Recuperado em 16 de fevereiro de 2022, de

http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2016000200015&lng=pt&tlng=pt.

Ribeiro, I. (2010). *A TV no armário: A identidade gay nos programas e telejornais*

brasileiros. GLS.

Romancini, R. (2018). Do “Kit gay” ao “Monitor da doutrinação”: A Reação Conservadora no Brasil. *Revista Contracampo*, 37(2).

<https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i0.1102>

Rosa, F. M. A. (2010). *A construção da visibilidade Lgbt: uma análise crítica do discurso*

jornalístico [Dissertação de mestrado]. Instituto Universitário de Lisboa, Lisboa,

Portugal.

Schulman, S. (2010). Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento.

Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades, 4(05).

<https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2312/1745>

Silva, A. W. F. d. & Sousa, L. B. D. (2016). *Autoaceitação, aceitação sócio-familiar e saúde sexual de jovens homossexuais (do sexo biológico masculino) no Maciço de Baturité*

[TCC, UNILAB]. <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/handle/123456789/569>.

- Sousa, K. J. A. (2016). As diversas manifestações homofóbicas e suas consequências no cotidiano das minorias LGBT. *Revista Clóvis Moura de Humanidades*, 2(1), 27-44.
- Souza, E. M. & Pereira, S. J. N. (2013). (Re)produção do heterossexismo e da heteronormatividade nas relações de trabalho: a discriminação de homossexuais por homossexuais. *RAM – Revista de Administração Mackenzie*, 14(4), 76-105.
<https://www.scielo.br/j/ram/a/7JPZNfcRbYkQVcnxQZ88KHs/?format=pdf&lang=pt>
- Toledo, L. G., & Teixeira Filho, F. S. (2013). Homofobia familiar: abrindo o armário ‘entre quatro paredes’. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 65(3), 376-391.
<https://www.redalyc.org/pdf/2290/229029496005.pdf>
- Trindade, S. B. (2019). O Discurso da “cura gay” Nas Igrejas Neopentecostais. *REFLEXUS - Revista Semestral De Teologia e Ciências Das Religiões*, 13(22), 531–552.
<https://doi.org/10.20890/reflexus.v13i22.789>
- Vieira, Luciana Leila Fontes. (2009). As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9(2), 487-525. Recuperado em 16 de fevereiro de 2022, de
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000200006&lng=pt&tlng=pt.